

Assim se interpreta *assim*

Sérgio Roberto Costa*

Abstract

The purpose of this paper is to describe and to interpret the use of the item ASSIM in discursive context, embased on the varational sociolinguistics paradigm, developed by the Functional Linguistics Theory. To do this, we will analyze and discuss oral and written Brazilian Portuguese examples. Results show an interesting perspective of analysis of semantic trajectory of some linguistic items in certain conditions of discursive use. Items like ASSIM offer the possibility of a varied semantic interpretation, according to their discursive fuction and/or position.

1 - Introdução

Este artigo pretende descrever e interpretar o uso de ASSIM em contexto discursivo, segundo o novo paradigma da sociolinguística variacionista¹ (gramaticalização/ degramaticalização) de Traugott e Heine (1991), Votre (1992) e Vincent, Laforest e Votre (1993), desenvolvido no quadro da Linguística Funcional. Este novo paradigma, embora ainda se apresente instável, já começa a impor-se a partir da ênfase que esses autores, na linha dos estudos dos anos 80 de P. Hopper, T. Givón, E. Traugott e B. Heine, dão à idéia de que a sintaxe de hoje é pragmática discursiva de ontem, a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem, e a morfofonologia de hoje é morfologia de ontem e também é, parcialmente, o discurso de hoje e de amanhã, e o silêncio de amanhã

1 Não estamos usando o rótulo "sociolinguística variacionista" no sentido clássico de Labov (década de '70), mas segundo a abertura crítica que Lavandera (1984) propõe quanto à possibilidade de variação fora do nível fonológico, em parte decorrente dos avanços da ciência linguística. Não se trata de uma simples recomendação, mas de uma exigência teórica que ultrapassa o interesse pelos fatores sociais convencionais já estabelecidos.

* Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

(Votre, Silveira et al., 1993: 104 -5). Ou seja, os sentidos de certos elementos lingüísticos (“Não é verdade > Não é > né”; “Está certo? > Tá?”; “Agora”; “Tipo”; etc) migram do sentido mais referencial ou concreto ao menos referencial ou mais abstrato. É o que pretendemos mostrar, neste nosso trabalho, acompanhando a trajetória do uso discursivo de ASSIM.

Observemos, inicialmente, esse uso discursivo em frases do tipo:

- (1) “(...) O telefone tocô, né, minha mãe foi lá atendê, eu tava melada, aí eu caí *assim* ... de lado ... e quebrei a clavícula. (...)” (SMG*)
- (2) “Ah... por exemplo, eu acho ridículo quando falam *assim* ah, a mulher tem que ser igual ao homem, não sei mais o quê (...)” (SP)
- (3) “Eu sou *assim*. Vamos supor, eu tenho uma opinião e você tem outra...” (SP)
- (4) “(...) Quando *assim* de noite, lá pra meia-noite na Quaresma ... ficava batendo na porta ... *assim* arranhando a janela (...) à meia-noite ... é ... começavam a bater na porta de noite ... (...)” JFFPJAA - pb - oral - texto 2)
- (5) “(...) ainda no meu bairro, na Mooca, muita gente *assim* fuma, tem gente *assim* até que... é ... tipo cigarro, né ... a maconha virou coisa normal. (...)” (SP)

Esse uso oferece a possibilidade de interpretação semântica variável de ASSIM segundo a função exercida e/ou posição dentro do discurso. Ou seja, as circunstâncias discursivas de ocorrência desse item são importantes para uma análise variacional funcionalista que concebe “a variação como uma consequência necessária de gradualidade da mundança” (Votre, Silveira et al. Op.cit.:105)

Nos exemplos (1), (2) e (3), não se tem dúvida de que se pode interpretar ASSIM como: *desse modo, desse jeito, dessa maneira*. Já em (4) e (5), o primeiro ASSIM de ambos não tem essa mesma leitura, funcionando mais como marcadores discursivos que como um dêitico, semanticamente tendendo a zero. O segundo ASSIM desses enunciados - (4) e (5) - apresentaria uma interpretação semântica um tanto quanto opaca/ambígua, talvez intermediária ao ASSIM dos dois primeiros exemplos.

Para a análise do comportamento discursivo do item lexical ASSIM usaremos dados presentes em alguns *corpora* gravados em áudio:

* Siglas: SMG= Sul de Minas Gerais; SP= São Paulo; JF... = Juiz de Fora + iniciais do pesquisador e do informante

- a) relatos de casos e/ou experiências de crianças de 1ª série de um colégio oficial - clientela mista, de vários níveis sociais - de Juiz de Fora, MG, em atividade "Hora da Rodinha" (14/05/92);
- b) relatos de crianças de duas escolas localizadas no Sul de Minas Gerais: uma, particular urbana - clientela de nível sócio-econômico médio e médio-alto, e outra, municipal rural - clientela de nível sócio-econômico baixo. Esses relatos foram coletados em forma de entrevista, em 11 e 12/11/93;
- c) entrevistas informais orais com dois adolescentes do sexo feminino - 16 e 17 anos - de 2o e 3o colegiais de uma escola pública da capital de São Paulo. Respectivamente, os sujeitos possuem nível sócio-econômico baixo e alto;
- d) e também faremos referências a exemplos extraídos de gramáticas normativas, dicionários ou a enunciados de uso comum na fala/escrita (formal ou não) do Português do Brasil.

2 - Proposta teórica

Este estudo se enquadra no referencial teórico de gramaticalização/degramaticalização de Traugott e Heine (1991) e Vincent, Laforest & Votre (1993), como dissemos acima. Segundo esse quadro funcionalista, a língua compreende gramática e discurso. Gramática deve ser entendida como um sistema formado pelas regularidades decorrentes das pressões de uso, cujo conjunto das restrições de seleção de dependência e de associação opera sobre as cláusulas e sobre os constituintes das cláusulas.

Assim, no nível do período, podem as relações de dependência se estabelecer entre as cláusulas. No interior de cada cláusula, as relações podem se estabelecer entre os constituintes da cláusula, como por exemplo, o predicado para o sujeito, adjuntos para os seus núcleos, etc. Quanto às relações de associação, elas não são do tipo determinante, e se comportam normalmente como posposição:

"Quando uma unidade passa a pospor-se indistintamente aos constituintes e cláusulas, sem nenhum tipo de restrição, como é o caso de né, dizemos figuradamente que essa unidade 'escapa' à gramática, para dar conta, exclusivamente, de tarefas discursivas. Nesse sentido é que dizemos que 'volta' ao discurso". (Votre, Siveira et al., op. cit.: 105).

O discurso, por sua vez, deve ser entendido em dois sentidos básicos. Primeiro, como texto cujas condições de ocorrência fazem com que cada enunciação seja única, em função das restrições e condicionamentos a que estão submetidos seus interlocutores e que lhe dão condições empíricas de materializar-se de determinada forma, e não de outra.

Segundo, como ponto de partida e de chegada para a gramática. Isto quer dizer, de um lado, que se algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso passa a acontecer de forma previsível e codificável, ele sai do discurso para entrar na gramática. De outro, se um determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis, em termos de regras seletivas, ele sai da gramática e volta ao discurso.

Como categorias léxicas, referimo-nos ao nome/pronome, verbo, adjetivo e advérbio. E são categorias gramaticais os conectores (preposições e conjunções), o gênero, o número, o tempo, o modo, o aspecto, pessoa e voz.

Com base nos conceitos ou noções de gramática, discurso, categorias léxicas e gramaticais acima, o processo de gramaticalização/degramaticalização pode ser assim definido nas palavras de Votre, op. cit.: 105:

“Segundo o processo de gramaticalização, algumas das unidades de determinada categoria se alteram, seguindo uma tendência decorrente da repetição de uso e outras motivações pragmáticas. Essa repetição transforma a tendência numa pressão do tipo difusão gramatical, que entretanto atinge apenas as unidades mais usadas dessa categoria lexical ou gramatical, que antes de adquirirem todos os traços da nova categoria, passam a atuar num ponto de intersecção entre as duas categorias envolvidas ou em nova categoria gramatical. Segundo o processo de degramaticalização as unidades migram para um nível não-gramatical (que estamos denominando de nível do discurso), no sentido de que elas deixam de obedecer às restrições de seleção e literalmente retornam ao discurso.”

Assim, por exemplo, a gramaticalização como passagem do léxico à gramática, compreenderia trajetória do tipo advérbio > adjetivo > (com apreensão de traços de gênero e número: *menos/menas*); como passagem de categoria menos gramatical a mais gramatical, a regularização de formas irregulares e instáveis, e.g., *seja/seje; puser/pôr*, e a passagem

de categorias de itens ao discurso, como o caso dos marcadores discursivo-conversacionais *né* ou *tá*.

Para a análise que estamos desenvolvendo, é-nos importante ligar essas idéias à hipótese das ondas cíclicas de Givón (1979) que propões a seguinte trajetória para os elementos e categorias lingüísticas:

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero

Em síntese, esse paradigma prevê a operacionalização da passagem de elementos lingüísticos do léxico à gramática, o retorno de elementos gramaticais ao discurso e a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, como por exemplo, categorias invariáveis para categorias variáveis.

Além dessa característica “unidirecional” do processo de gramaticalização/degramaticalização, também estamos levando em consideração, na análise dos dados, outra característica fundamental desse processo: a mudança metafórica de caráter abstratizante e contínuo (Heine et al., 1991, in Vorte, op. cit.: 112), aliada aos princípios de gramaticalização de Hopper (1991).

Em outras palavras, a gramaticalização é um tipo de mudança semântica, de caráter progressivo, pela qual os sentidos de certos elementos lingüísticos vão do sentido mais referencial ao menos referencial, ou seja, migram de conotações mais concretas e mais dêiticas para as mais abstratas e relacionais.

3 - Hipóteses

A partir do conceito de gramática, discurso e do paradigma de gramaticalização e degramaticalização caracterizados acima, podemos propor duas hipóteses de trajetórias para ASSIM, a partir de seu valor semântico dêitico básico = *desse modo, dessa maneira, desse jeito*, como em: “Faça esse exercício/ trabalho/banco *assim*” - gramaticalmente advérbio/ locução adverbial.

A primeira hipótese, baseada nas ondas cíclicas de Givón (op. cit.), configura-se na seguinte trajetória:

Discurso > Sintaxe > Morfossintaxe > Discurso

A Segunda, baseada na mudança metafórica de caráter abstratizante e contínuo de Heine (op. cit.) e nas camadas de Hopper (op. cit.), constitui-se na seguinte trajetória dêitico-relacional:

Físico > *Lógico* > *Qualificativo* > *Relacional*

cujas correspondências são:

Físico: no sentido dêitico básico real/gestual de: dessa forma, desse tamanho;

Lógico: no sentido dêitico básico verbal de: desse jeito, desse modo, dessa maneira;

Qualificativo: no sentido qualificativo de tamanho;

Relacional: no sentido de marcador discursivo.

4 - Análise e interpretação

Diacronicamente, ASSIM, incorporado ao Português a partir do Século XIII (Cunha, 1982:76), tem origem na locução latina “Ad sic”, que se usa com a acepção dêitica de “*é desta forma, nesse sentido, assim mesmo*” o conteúdo ou a forma do texto em questão.

Hoje é costume, em textos jornalísticos, por exemplo, usar apenas o “Sic” sem o “Ad”, como em:

“O ex-mimistro Magri disse que o plano econômico era imexível” (sic).”

Como o conceito clássico de gramaticalização que adotamos é de caráter geral, ela dá conta da mudança diacrônica e do continuum sincrônico. Assim sendo, sem entrarmos em detalhes diacrônicos de mudanças fonológicas (Cunha, *ib. ibid.*), pode-se dizer que a locução “Ad Sic” “migrou” do discurso latino para o léxico português, sob a forma ASSIM, gramaticalmente advérbio, com o valor dêitico circunstancial de *dessa forma, nesse sentido, assim mesmo, dessa maneira*, como pudemos observar nos exemplos (1), (2) e (3) acima e também nos enunciados abaixo:

- (6) CLA. “(...) Aí lá no Natal, eu ganhei uma boneca e que ela era *assim* ((fez gesto indicando a forma/tamanho)), ela era ... ela ficava em pé, o nome dela era Patinadora, aí ela fica patinando (...)”. (JF)
- (7) “Eu acho que tem umas meninas que são muito ingênuas e os meninos que eu convivo, eles são *assim*... a família também ajuda bastante eles”. (SP)

Contudo, se atentarmos bem para os exemplos acima, há uma diferença semântica no uso do dêitico ASSIM: em (6), num uso pragmático, ele se refere, anaforicamente, ao mundo real, físico. Acompanha-o um gesto indicando a forma/tamanho da boneca, como acontece também no exemplo “A praça estava *assim* de gente”, em que o gesto das pontas dos dedos ajuntadas indica que a praça estava cheia/apinhada de gente. Nesses casos, o espaço físico, mostrado através desses ou de quaisquer outros gestos, faz parte da pragmática e ASSIM se comporta, então, como um dêitico espacial de valor anafórico pragmático em relação a esse mundo físico gestual. Trata-se, pois de um Dêitico Espacial Pragmático [D.E.P.], que pertence ao discurso.

Já em (7), temos um Dêitico Espacial Textual [D.E.T], pois ASSIM se refere anaforicamente ao mundo verbal, lingüístico-textual, significando *desse modo, desse jeito*. Semanticamente, há uma migração do mundo concreto para o abstrato, o lógico, como acontece em outros enunciados do Português, usados anaforicamente sempre após algum texto falado ou escrito - *Assim seja! Como assim! Assim não dá! É assim* - como em (8):

- (8) I: “Eu acho que a família, com certeza é a família.
E: Como *assim?* (...)” (SP)

Gramaticalmente, ASSIM sai do discurso (nível pragmático) e migra para a sintaxe (nível textual). O mesmo fenômeno se verifica, semântica e gramaticalmente, no exemplo (9) abaixo, mas em um uso textual catafórico:

- (9) FEL.: “ (...) aí ela falô *assim*: Eu quero que chame a polícia memo pra prendê esse aqui!” (JF)

Numa conclusão parcial, podemos dizer que, em ambos os casos tratados acima - (6) e (7) —, a categorização Dêitico Espacial Pragmático e Textual do item estudado se dá em contexto descritivo.

Continuando a acompanhar a trajetória gramatical e semântica do ASSIM, observemos os exemplos que se seguem:

- (10) “Apesar de *assinzinho*, já tem dezesseis”. (Música popular)
(11) “Assis é *assinzinha*, do tamanho de uma concha”. (Vieira, J. Geraldo, in Cegalla, D. Paschoal, 1970:410)

Em (10) e (11), ASSIM recebe o sufixo derivacional *-zinh-* e se flexiona em gênero como os nomes, isto é, gramaticalmente migra para a

morfossintaxe, do léxico para a gramática, de advérbio passa a ser adjetivo, de categoria invariável passa a ser categoria flexionada, como tem acontecido com outros advérbios do Português que tem se gramaticalizado em gênero e/ou número [meio(s)/meia(s) doente(s)]; [menos/menas comida]. Semanticamente, abstratiza-se mais, passando a ter um valor dêitico qualificativo, indicador de tamanho, sinônimo de pequenininho(a).

Em síntese, pode-se dizer que nessa trajetória parcial, gramatical (Advérbio > Adjetivo ou Discurso > Sintaxe > Morfossintaxe) e semântica (Físico > Lógico > Qualificativo), ASSIM passou pelo processo de gramaticalização.

Já no exemplo (4), primeira frase, citado acima, e no (12) abaixo, ASSIM passa pelo processo de degramaticalização, ou seja, correspondendo ao uso discursivo relacional, semanticamente de sentido muito vago, bem “descorado”, retorna ao discurso, sem pertencer a uma categoria léxica definida. Ele (ASSIM) passa, então, em contexto de elicitação narrativa ou narrativo propriamente dito, a atuar como um marcador pragmático de interação, perdendo seu conteúdo semântico dêitico, que se torna genérico e menos referencial. Vejamos:

- (12) P. “O que que você faz *assim* geralmente... todos os dias o que que você faz ?” (JF).
- (4) “/.../ Quando *assim* de noite, lá pra meia-noite na Quaresma... /.../” (Id. Ibid.)

Mas se analisarmos o ASSIM da seqüência do exemplo (4): ‘(...) ficava batendo na porta... *assim* arranhando a janela... (...)’ (Id. Ibid.), fica difícil determinar se temos um dêitico espacial gestual/físico e, por isso, pragmático, ou apenas um marcador pragmático de interação como em (12) ou na primeira frase de (4). Essa opacidade, ou seja, dificuldade de enquadrar um item dentro de uma categoria, fica mais clara em (13) e (14):

- (13) PAU: “Um dia, sabe, quando eu ... eu ... eu sonhei *assim* ... quando eu fui na praia, né, que daí a onda vinha me derrubando eu *assim* ... eu levei um susto, daí eu acordei na hora” (SMG).
- (14) AND: “/.../ aí meu irmão tava dirigindo *assim* no morro, aí desceu o carro /.../” (JF).

Observemos que nestes casos, ASSIM está posposto ao termo a que se refere, num contexto descritivo, mas em (12) e (4), cujo contexto

é narrativo, sua posição é fluida, ambígua, de sentido bem genérico², o que vem confirmar a hipótese de esvaziamento semântico quando o item volta ao discurso, tendendo a significado zero, como podem confirmar os usos abaixo:

- (15) “O meu pai, a gente fica *assim*, ou é brincadeira, ou é sobre economia *assim*, política, sobre assuntos mais sérios que ele sabe melhor lidar. Agora assuntos *assim* de menina, de sexo (...) (SP). (V. também exemplo (5)).

O uso relacional do ASSIM nesta última categorização, isto é, como marcador pragmático discursivo de interação, sem categoria léxica bem clara/definida e semanticamente de sentido genérico, parece ser muito comum na língua falada³, enquanto que como dêitico pragmático e textual ASSIM aparece tanto numa quanto noutra.

A análise dos dados confirma, portanto, a hipótese de esvaziamento semântico na trajetória de ASSIM que, pelo processo de gramaticalização/degramaticalização, migra de + concreto e + referencial (valor semântico de dêitico básico = *desse modo, dessa maneira, desse jeito*) para + abstrato e - referencial (marcador pragmático de interação, de sentido genérico).

Esse paradigma sociolingüístico variacionista, desenvolvido no quadro da Lingüística Funcional, e adotado neste trabalho, pode ser uma perspectiva interessante de análise da trajetória semântica de certos itens lexicais do Português, conforme as circunstâncias de ocorrência deles no discurso, uma vez que a variação é concebida “como uma consequência necessária de gradualidade da mudança” (Votre, Silveira et. Al., op.cit.: 105).

Em síntese, o quadro abaixo apresenta uma visão objetiva e holística do que acabamos de expor:

-
- 2 A interpretação do uso de ASSIM, em casos como (4), (12), (13) e (15), como sinalizador de precisão vocabular ou como marcador de hesitação conversacional, que poderia ser verificada em pistas de contextualização paralingüísticas como entonação, evidencia a fluidez, a generalização de sentido, ou seja, a hipótese de esvaziamento semântico que estamos defendendo. Seria um comportamento discursivo semelhante ao *né* (v. Votre, Siveira et al., op. cit.: 135-7). Ver também os usos do marcador *tá?* em Martellota, neste volume.
- 3 Um levantamento desse tipo de dados na língua escrita formal e informal seria interessante, como ampliação de nosso artigo.

+ CONCRETO → + ABSTRATO

+ REFERENCIAL → REFERENCIAL

GRAMATICALIZAÇÃO
→

DEGRAMATICALIZAÇÃO
→

ADVÉRBIO/LOC. ADV. >

ADJETIVO >

SEM CLASSE

DÊITICO
ESPACIAL/
CIRCUNSTANCIAL

DÊITICO
QUALIFICATIVO

DISCURSIVO

PRAGMÁTICO
(Mundo Real/Gestual)

TEXTUAL
(Mundo Verbal)

ANÁFORA
PRAGMÁTICA

ANÁFORA/
CATÁFORA
LINGÜÍSTICA

= [D.E.P.]

= [D.E.T]

FÍSICO >

LÓGICO >

QUALITATIVO > RELACIONAL

DISCURSO >

SINTAXE > MORFOSSINTAXE > DISCURSO

5 - Referências Bibliográficas

- AULETE, Caldas (1980) *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Delta.
- CEGALLA, Domingos Paschoal (1970) *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional.
- CUNHA, Antônio Geraldo (1982) *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1978) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GIVÓN, Talmy (1995) *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HUNNEMEYER, Friederike (1991) *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago, University of Chicago Press.
- HOPPER, Paul J. (1991) *Some principles of grammaticalization*. In TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernard (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elisabeth Closs (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VINCENT, Diane, LAFOREST, Marty & VOTRE, Sebastião (1993) *Grammaticalisation et post-grammaticalisation*. Langues et Linguistique, Québec: Université Laval, 19.
- VOTRE, Sebastião, SILVEIRA, E. et al. (1993) *Projeto integrado iconicidade na fala e na escrita*. UFRJ/CNPq.